

MULHERES DE DEUS

Denise Stucchi¹

Ali está ela. A pequena mulher vista de costas surgindo a sua silhueta contra o intenso amarelo avermelhado do céu.

Ali está ela. Em gesto fervoroso de braços estendidos antecipa um sol ainda invisível.

Ali está ela. Avança em direção à luz como em oração, colocados os pés sobre a trilha dura de terra ocre, onde as pedras se escondem sob gramíneas e arbustos.

Ali está ela. Não carrega consigo qualquer pressentimento sobre o seu destino, do mesmo jeito que não tem como saber que a luz que a orienta, para além das montanhas, deverá transportá-la para um encontro inusitado.



Caspar David Friedrich – *Mulher perante o sol nascente (Mulher perante o sol poente)*

¹ Doutora em Educação – UNICAMP Pesquisadora do Laboratório de Estudos Audiovisuais Olhoe-mail: denisestucchi@yahoo.com.br

² Óleo sobre tela, 22 x 30,5 cm. Essen, Museum Folwang.

c. 1818-1820

Ao chamar por ela, chamo com cuidado, temo que a aura se desvaneça.

Ela permanece de costas, em suspensão - não insisto.

Não volto a chamá-la, não é preciso, decido que de um jeito ou de outro estarei próxima quando ela iniciar a caminhada pela trilha.

No momento precioso, o primeiro em sua companhia, ela e eu descansamos em silencioso devaneio, alheias a futuras intimidades.

.....

Não vem do sol indeciso

*a claridade expandindo-se,
é dela que nasce a luz
de natureza velada,
é seu próprio gosto
em ter uma família,
amar a aprazível rotina.
Ela não sabe que sabe,
a rotina perfeita é Deus:
as galinhas porão seus ovos,
ela porá sua saia,
a árvore a seu tempo
dará suas flores rosadas.
A mulher não sabe que reza:
Que nada mude, Senhor³.*

Acontecera. Ela ainda devaneava quando aconteceu - o primeiro e involuntário passo. Mais tarde quis entender como lhe fora tirada a perfeita vida. Se nunca lera nem Clarice! Sabia sim o que podia acontecer, os perigos que os livros dessa mulher estranha traziam até nas entrelinhas, naqueles silêncios que faziam estremecer os corpos com o mesmo poder do deus que balança todas as tardes os trigos no campo. Lembra-se muito bem daquele dia, era outono mas fazia muito calor, quando a outra se pôs a ler alguma coisa da escritora sobre...um rato⁴! Parece que na história ela estava sossegada conversando com o deus, até se descobrir delicada demais só porque não era uma criminosa, porque tinha se controlado e se mantido inocente e que por isso não podia olhar o tal rato sem

³ Prado, Adélia. *Mural*. Oráculos de maio, p. 39.

⁴ Lispector, Clarice. *Perdoando Deus*, Felicidade Clandestina, 1998.

susto, porque tinha contido tudo dentro de sua alma⁵...Pode? Depois dessa história do rato a outra ficou muito diferente - mais um motivo para não ler de jeito nenhum os livros da tal Clarice.

Ela tinha recomeçado a caminhada, embora se mostrasse visivelmente relutante. Era assim que eu a percebia ao olhar a maneira como havia permanecido com os braços estendidos, na mesma postura de oração. Talvez pedisse – o que? – ao seu deus. Quem sabe fosse atendida? Ainda que mal tivesse se colocado em movimento, parecia tão cansada... Um pensamento me ocorreu... devo eu ousar mais em nossa sintonia, desde este momento lhe oferecendo em mimese a alma, fazendo minha também a língua dela?

.....
*Ó Deus,
Me deixa trabalhar na cozinha,
Nem vendedor nem escrivão.
Me deixa fazer Teu pão.*

Não era a voz dela, quando ouvi:

*Filha, diz-me o Senhor,
Eu só como palavras⁶.*

No desejo de tornar duas, uma, sem saber eu oferecera minha escuta à outra voz.

E foi assim que ela e eu encontramos a primeira pedra de nossa trilha – na escuta do deus e a natureza da sua fome.

E o deus parecia tão convicto dele mesmo, tão mergulhado em sua falta que, por um instante, quase cedo ao seu chamado. Ela, não. Ouvira como eu – fora chamada Filha!

⁵ Lispector, Clarice. *Perdoando Deus*. Felicidade Clandestina, 1998.

⁶ Prado, Adélia. *O poeta ficou cansado*. Oráculos de maio, p. 13.

– e a convocação parecia deixá-la ainda mais hesitante. Terá sido essa imagem dela a impedir que a fascinante voz me tomasse por completo desde o princípio.

Que fome é essa? Tão concentrada na própria pergunta, não tem ela como ouvir a pergunta que eu lhe faço. Qual seria o medo dela – tomar o rato com as mãos? Olhar para o rato e descobrir nele sua própria violência? Alma contida... Daí, a hesitação e a paralisia no corpo? E com esse gesto, estaria se acusando? Por imaginar que o deus é bom e ela é ruim, escolhendo um jeito de louvar ao seu contrário – um contrário que ela chama de deus? Mas como chegaria ela a tal veredicto, sem primeiro se percorrer toda? Como? Começa a me parecer um tanto inexorável minha companheira da caminhada. É possível que, de tão contida a alma, só deseje a fome simples de pão⁷? Quem sabe sua hostilidade por Clarice...?

Sozinha eu, sem a companhia dela, não tinha como dar o próximo passo. A simples mimese não se mostrara suficiente para lhe desvelar a intensidade, e intensidade nela havia. Decido ousar mais uma vez, quero junto à minha a alma dela, simetria na paixão ou nada. Mergulho no sonho e convoco a mulher a se constituir comigo em ponto de partida para saber daquela fome. Ao deus quero dar uma imagem e um nome⁸ – e entendo que não há como fazê-lo sem o olhar dela. Ao mimetismo, precisamos ela e eu, acrescentar entropia. Na verdade, nem é preciso que as duas sejam uma, apenas que nosso vínculo se torne tão estreito de modo a significar, reciprocamente, vivificação interior.

Que o deus surgiu e nos indicou um sentido inesperado para a caminhada pela trilha. Entre o terror e a avidez, nós o ouvimos, uma e outra elegendo as palavras primeiras na conversa com aquele desconhecido. Ave! A ela nunca faltarão as palavras?

.....
*Me imploram amor Deus e o mundo,
sou pois mais rica que os dois,
só eu posso dizer à pedra:
és bela até à aflição;
o mesmo que dizer a Ele:
sois belo, belo, sois belo!
Quase entendo a razão da minha falta de ar.
Ao escolher palavras com que narrar minha angústia,
eu já respiro melhor.
A uns Deus os quer doentes,*

⁷ Lispector, Clarice. *Perdoando Deus*. Felicidade clandestina, 1998.

⁸ Cassirer, Ernst. *O poder da metáfora*. Linguagem e mito, pp. 101-16.

*a outros quer escrevendo*⁹.

Depois, mais silêncio. A espera por sinais. Quais palavras o deus comeria? Caminhando pela trilha áspera, eu procuro. Ela, parece agonizar. Quando olha para mim, seu olhar detém meus passos. Estamos uma frente à outra, a nossa volta palpitam os sons do centro do mundo, ou será esse - tum - - tum - tum - - tum – ressonância sincopada de dois corações? Persiste seu olhar sobre o meu, ela vai desfalecer, estou certa!

*Me deixo estar inerte,
porque não há em mim qualquer coragem.
Não posso ter, nem ser,
nem morrer, nem viver,
não posso entrar, nem sair*¹⁰.
.....

Acontecera com ela. Uma passagem tão difícil essa, deixar de apenas crer passando a viver, como realidade humana primordial, uma alma metafórica. E haveria sonho mais assustador do que esse de se tornar um ser responsável pela própria ontologia? Ainda que tivesse uma vez recusado Clarice, parecia improvável, àquela altura, que a ela fosse possível evitar a experiência de ser mãe das coisas, suas palavras indicando que ela estava muito próxima de pegar um rato nas mãos¹¹...

Sou cúmplice das duas mulheres, com elas testemunho a brutalidade da natureza como uma metáfora do deus. O rato é um insulto que pressinto como um pretexto poético – estamos em triunvirato frente à face escura do mundo real. O deus com seu rato vieram para exterminar nosso torpor beatífico.

⁹ Prado, Adélia. *Ex-voto*. Oráculos de maio, 81-3.

¹⁰ Prado, Adélia. *O bom pastor*. Poesia reunida – O jardim das oliveiras. pp. 338-9.

¹¹ Lispector, Clarice. *Perdoando Deus*. Felicidade clandestina.

Diante da angústia dela, silêncio meus sentimentos de desamparo. Pela primeira vez desde o momento do nosso encontro, elevo os olhos para o alto evocando na memória imagens celestes de luz e sombra... O amor interdito será finalmente ofertado?

Revelação é ressurreição, exposição, iniciação. Dizer é a atividade mais alta: revelar o escondido, despertar a palavra enterrada, suscitar o aparecimento do nosso duplo, criar a esse outro que somos, que nunca deixamos de ser. Consagração e inspiração são termos consangüíneos, a revelação é também rebelião. A isso vem o outro, nosso duplo, negar a ilusória coerência e segurança da nossa consciência, esse pilar de luz cega que sustenta a nossa arrogância. Repito as palavras em ritual iniciatório à fome do deus: revelação e rebelião, inocência e maravilha, paixão e linguagem¹².

Não resistiremos mais à entrega, caminhando ela e eu sobre a trilha apontada pelo deus.

Mas temos uma condição, sobre a qual não vamos tergiversar:

Sei que Deus mora em mim

*como sua melhor casa.
Sou sua paisagem,
sua retorta alquímica
e para sua alegria
seus dois olhos.
Mas esta letra é minha¹³.*

É a mesma aceitação de Clarice e, como ela na sua vez, o jogo da vida maior não se fará enquanto tão somente inventarmos esse deus, se não dermos à idéia de deus, existência¹⁴. Antes da revelação na caminhada pela trilha, tal como o amor, equivocado também foi nosso contato com a vida. Agora, a marca do deus vem para orientar as imagens da nossa escrita. A trilha é obscura, incerta, contraditória? Pois assim é que exige a linguagem da boa poesia.

Denise Stucchi

¹² Paz, Octavio. *A busca do início*. Signos em rotação, pp. 221-30.

¹³ Prado, Adélia. *Direitos humanos*. Oráculos de maio, p. 73.

¹⁴ Lispector, Clarice. *Perdoando Deus*. Felicidade clandestina, 1998.

